2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 12. QUINTA FEIRA, 30 DE OUTUBRO DE 1851. **11. ANNO.**

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE LONDRES.

Encerramento. — Premios aos expositores portuguezes.

Terminou, finalmente, no dia que estava marcado, 15 do corrente, o espectaculo mais solemne e magestoso, por isso que era util e pacifico, que tem appresentado o nosso seculo, civilisador por antonomasia. Encerrou-se a exposição da industria de todas as nações.

Ás dez horas da manhã todas as portas estavam abertas, excepto as da entrada central da parte do sul, reservadas aos commissarios regios estrangeiros e locaes, aos jurados, e ás senhoras dos expositores.

Todos os expositores, os membros da Sociedade das Artes, os presidentes e secretarios das commissões locaes, entravam pelo lado occidental ou britannico do edificio. Os membros das commissões locaes e outros assistentes tinham entrada pela parte oriental.

Ao meio dia em ponto, o principe Alberto chegou ao palacio de cristal ao som das acclamações de todos os circumstantes; fez seus cumprimentos por varias vezes. Vinha vestido á côrte, sem outro distinctivo mais do que a Estrella, e a fita da ordem da Jarreteira. Tomou logar no throno indico, tendo á direita lord John Russell. Estavam presentes o conde Carlisle, o bispo de Londres, e o conde Granville.

O visconde Canning, que presidia ao conselho dos jurados, appresentou á commissão regia as suas decisões, e leu um extenso relatorio sobre os trabalhos dos mesmos jurados, applicando-se principalmente a demonstrar que fôra feita justiça aos expositores de todas as nações, e de todas as classes, não reconhecendo a exposição distincção alguma ou cathegoria de nações. O numero das medalhas de premio concedidas é de 2:918; o numero das medalhas do conselho ou commissão 170: os expositores foram 17:000. O total dos premios, comprehendendo as menções honorificas foi de 5:084.

Eram trinta e quatro as secções de jurados, cada uma com seu presidente, compostas de igual numero de subditos britannicos e de estrangeiros. Os presidentes de todas essas secções formavam uma commissão denominada « *conselho de presidentes* » e dahi vem que os premios conferidos por elle foram denominados « *medalhas do conselho.* »

A concessão das *medalhas de premio* teve por bases a excellencia do producto ou da mão de obra, attendendo á utilidade, belleza, barateza e outros elementos de merito conforme a natureza dos objectos. A das medalhas maiores — *as do conselho* — assentou em a novidade de invenção ou de applicação quer nos materiaes quer nos processos da industria, ou na originalidade combinada com a grande belleza do desenho ou risco.

O principe Alberto, depois de haver recebido das mãos de lord Canning os volumosos relatorios dos jurados, dirigiu aos presidentes das secções destes os agradecimentos da commissão regia. Os peritos que foram associados aos trabalhos appreciadores dos diversos jurados, são comprehendidos nestes agradecimentos.

Os commissarios regios (diz o *Standard*) não se limitarão sómente á publicação dos nomes das pessoas premiadas; darão á luz tambem os rela-

torios motivados, o que será a verdadeira historia do progresso da industria humana.

Os nomes deviam ser publicados na *Gazeta de Londres* do dia 17; no entanto só os conhecemos pelas listas impressas no *Times*, no *Morning Post* de 16 e n'outros jornaes.

A commissão regia, no seu discurso, agradeceu nos termos seguintes os estrangeiros pela cooperação cordeal e apoio que da parte delles não cessou de receber a Exposição.

« — A harmonia que constantemente reinou entre os homens eminentes que representavam tantos interesses nacionaes não é possivel que termine com o acontecimento que a produziu. Seja ella um feliz presagio do futuro! Roguemos á Providencia Divina que permitta a continuação desta benevolencia e preciosa emulação amigavel dos povos, que tão poderosamente contribuirá para a unidade entre as nações, para a paz e concordia entre os homens. »

O principe Alberto, que fallou com tanto fervor quanta clareza, foi muito applaudido; e no acto em que os commissarios estrangeiros foram chamados ao estrado do principe para receberem seus agradecimentos, estrondosos applausos se levantaram em todo o ambito da sala.

O bispo de Londres adiantando-se um tanto sobre o estrado, pronunciou em meio de geral silencio e com toda a solemnidade uma formula de oração e acção de graças a Deus Todo-Poderoso, por haver disposto os corações de tantos povos a esta concorrencia generosa, a esta pacifica emulação geralmente admirada.

No fim da oração subiu ao maior auge o enthusiasmo dos assistentes. O principe Alberto cumprimentou o publico. Os commissarios estrangeiros despediram-se delle respeitosamente, e em breve toda aquella multidão escoou-se em silencio.

Neste grande concurso, nesta variada feira, obtiveram os expositores portuguezes os premios que adiante relacionâmos, o que não será reputada pequena gloria por quem reflectir em o numero total dos expositores, attendendo igualmente a que só aos expositores inglezes, que occupavam metade do palacio de cristal, foram concedidos 2:039 premios, e 3:045 aos expositores de todas as demais nações, avultando entre estas a França, a Austria, a Belgica, os Estados-Unidos, a Suissa. Basta dizermos que a nossa exposição sobresahiu entre as dos Estados pequenos e até entre as de alguns muito mais populosos.

Na 6.ª secção de jurados, a de maquinas para manufacturas, foi um dos membros o sr. Guilherme Kopke, que vem assim designado — « Guilherme Kopke, Portugal, engenheiro machinista. »

Na 25.ª secção, a das manufacturas ceramicas, isto é porcelanas, faiança etc. lemos o nome do sr. Augusto Pinto, Portugal.

Damos em seguida o documento official publicado no *Diario* de hontem, com a enumeração dos premios conferidos aos expositores portuguezes.

SENHORA! Em cumprimento da commissão que Vossa Magestade Houve por bem encarregar-me por Decreto de 13 de Setembro do corrente anno, tenho a honra de mui respeitosamente levar á Regia Presença de Vossa Magestade a relação dos premios conferidos a Portugal pelo Jury da Exposição dos productos de todas as Nações.

A relação destes premios foi-me officialmente communicada depois da sessão do encerramento no dia 15 do corrente mez.

Cumpre-me tambem levar á Augusta Presença de Sua Magestade, que Sua Alteza Real o Principe Alberto, como Presidente da Commissão Real da Exposição, particularmente agradeceu a cada Commissario estrangeiro a parte que a sua respectiva Nação tinha tomado neste grande facto industrial, cabendo-me a honra de ser encarregado por Sua Alteza Real, de transmittir ao meu Paiz e meu Governo os sentimentos de consideração e de agradecimento que em nome da Commissão Real lhes tributava.

Cumpro estes deveres com a maior satisfação pela gloria e honra que dos premios conferidos resulta para Portugal.

As paginas da historia em que estão registados os grandes feitos dos Augustos Maiores de Vossa Magestade serão gloriosamente continuadas registando os feitos do trabalho que pela protecção concedida pelo Governo de Vossa Magestade á industria fabril e á agricultura illustrem o reinado de Vossa Magestade. Os premios concedidos pelo Jury da Exposição dos productos de todas as Nações attestam que Portugal sabe aproveitar os seus recursos naturaes — que a sua agricultura melhora — e que a sua industria fabril nos primeiros annos de desenvolvimento já veio colher algumas palmas entre os triumphos das Nações mais industriaes; e portanto, sendo uma das mais duradouras recordações da histo-

ria industrial portugueza, constituem um dos mais honrosos feitos do trabalho que se póde levar ao pé do Throno de Vossa Magestade. Taes são, Real Senhora, os sentimentos que me animam, tendo a honra de fazer subir á Presença de Vossa Magestade a relação dos portuguezes premiados na grande Exposição universal, como sendo uma prova de que Portugal possue os elementos precisos para na grande e pacifica lucta da civilisação do mundo ter um logar tão honroso como o que, na historia dos mais ousados combates, foi ganho por seus heroicos antepassados.

Deos guarde a Preciosa Vida de Vossa Magestade. Londres, 16 de Outubro de 1851. — O Commissario Regio de Portugal, junto aos Commissarios de Sua Magestade Britannica, para a grande Exposição de Londres, *Sebastião José Ribeiro de Sá.*

Premios conferidos a Portugal.

CLASSE 1.ª

Menção honrosa.

Numeros, nomes, e objectos.

1295 Mina do Braçal — Amostras de chumbo.

110 e 111 Dejeant — Pedras lithographicas.

112 Real Contracto do Tabaco — Ditas.

991 e 1014 M. A. da Silva — Amostras de chumbo granisado.

CLASSE 3.ª

Medalha de premio.

412 a 416 Alexandre Pinto da Fonseca Vaz Fructos seccos em doce.

403 a 418 a 420 J. L. Gomes — Ditos.

1203 a 1207 Real Contracto do Tabaco — Charutos e rapés.

Menção honrosa.

441 Visconde de Fonte Boa — Azeitonas pretas.

401 Marquez de Loulé — Cyperus escabutus — Chuffas.

ter

593 J. B. de Mattos — Mel.

CLASSE 4.ª

Medalha de premio.

590 Governador de Angola de 1850 — Pau de tacula.

497 Francisco Mendes Cardoso Leal — Essencia de alfazema.

578 e 579 Marquez de Loulé — Collecção de madeiras.

Menção honrosa.

462 Francisco Tavares de Almeida Proença — Azeite de oliveira.

473 Almeida Silva & C.ª — Dito.

458 Francisco Rodrigues Batalha — Gomma copal.

620 Manoel Ferreira Bretes — Cêra branca.

478 José de Albuquerque e Mello — Azeite de oliveira.

460 João Lopes de Calheiros — Dito.

465 Joaquim José da Costa de Macedo — Dito.

617 Manoel Lucas de Carvalho — Cêra branca.

535, 453

481 Marquez de Ficalho — Pita, gomma de Evora, azeite de oliveira, e cêra.

. . . Genovefa Gonçalves — Fetos.

454 Manoel Maria Holbeche — Pós de gomma.

467 João Larcher — Azeite de oliveira.

483 Conde de Linhares — Dito.

. . . Duque de Palmella — Canhamo.

471 José Borges Pinto — Azeite de oliveira.

629 José Ferreira Pinto Basto — Carvão animal, grosso.

538 Ayres de Sá Nogueira — Algodão.

CLASSE 10.ª

Medalha de premio.

633 Antonio Polycarpo — Estojo de instrumentos chirurgicos.

CLASSE 11.ª

Medalha de premio.

707 a 712 Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense — Chailes e cobertores de algodão.

CLASSE 15.ª

Menção honrosa.

682 José Barbosa (Porto) — Cotins de algodão.

CLASSE 19.ª

Menção honrosa.

853 a 881 Daupias & C.ª — Tecidos de lã no gosto escocez.

CLASSE 21.ª

Menção honrosa.

632 Antonio Polycarpo — Instrumentos agricolas.

CLASSE 23.ª

Menção honrosa.

1022 Bernardino Gonçalves Mamede — Adresse de filagrana de oiro e amethistas, etc.

CLASSE 23.ª

Menção honrosa.

1022 *B* Antonio da França (Porto) — Cordão de transelim de filagrana.

CLASSE 24.ª

Menção honrosa.

1044 a 1046 José Ferreira Pinto Basto — Vidraça pintada.

CLASSE 25.ª

Medalha de premio.

1047 a 1108 José Ferreira Pinto Basto — Porcelana.

CLASSE 27.ª

Medalha de premio.

232 a 247 Dejeant — Collecção de marmores de Portugal.

Menção honrosa.

248 Joaquim de Figueiredo (Vianna do Alemtejo) — Marmore.

CLASSE 29.ª

Medalha de premio.

422, 425,
426, 428
a 433, 438 S. Castello — Fructos seccos em doce.

..... Freiras de Santa Clara (Funchal) — Flores de pennas.

Menção honrosa.

1298 Vicente Russel — Larangeira artificial.

(Assignado) *Lyon Playfair F. R. S.*, Commissario Especial, encarregado do Departamento dos Jurados — O Commissario Regio por Portugal, *Sebastião José Ribeiro de Sá.*

MOVIMENTO COMMERCIAL DE SOUTHAMPTON.

A *Revista britannica* publica as interessantes particularidades, que vamos transcrever, ácerca do movimento commercial que se opera no porto de Southampton em Inglaterra, donde partem os paquetes.

» Ha annos que é Southampton o porto de chegada e desembarque das carregações das especies metallicas e de outros objectos de preço que alterosos barcos a vapor transportam das mais remotas regiões do globo. A situação desta cidade no fundo de uma vasta bacia ou braço de mar navegavel, de facil accesso aos navios que passam o canal da Mancha; o caminho de ferro que liga a cidade com a metropole, Londres; lhe conferem vantagens especiaes.

Tres vezes em cada mez vemos chegar a Southampton os productos estrangeiros mais ricos e mais estimados: o oiro da California, a prata do Mexico e do Chile, a platina do Perú, as perolas da bahia de Panamá e do golpho Persico, os diamantes de Golconda, as drogas tintureiras da America central, os chales de Cachemira, as tartarugas das ilhas Bahama, os doces de fruta das Antilhas, o marfim do Egypto e da Arabia.

Por Southampton são os metaes preciosos introduzidos na Europa, em abundancia tal que suscita as mais graves questões economicas e ameaça modificar profundamente as relações politicas e commerciaes das nações. Importa-se annualmente em Southampton oiro e prata no valor de cinco milhões esterlinos. O oiro vem principalmente da California e em pó. Este pó, de um amarello baço, parece-se com areia fina, gasta pelo embate das aguas e que se póde apanhar na praia. D'antes vinha dentro de pelles, mas hoje trazem-no de ordinario em caixotes de madeira, cujas dimensões nunca excedem a tres palmos em cada face; havendo-os mais pequenos.

Grande parte da prata vem em barra. Estas barras, de fórma plano-convexa, tem perto de tres palmos de comprimento por seis pollegadas de largura e de grossura, e pezam cada uma pouco mais ou menos tres quartos de quintal. Os empregados incumbidos de vigiar o desembarque das especies metalicas trazidas por um *steamer* [1] das Indias-Occidentaes, admiraram-se, ha pouco tempo, de encontrar entre essas especies certo numero de objectos informes, que pareciam caçarolas velhas de lata, incapazes de servir e amassadas, como ás vezes se veem nos monturos. Achou-se que era platina, metal que se extrahe do Perú, e que por longo tempo foi desconhecido no mundo antigo. A platina é mais dura que o ferro; resiste á acção do ar, dos acidos, dos alcalis, e pelo que respeita á belleza, raridade, ductilidade, indestructibilidade, é igual ao oiro e á prata.

As especies trazidas a Southampton pelos vapores que conduzem as malas são desembarcadas sempre primeiro que outra qualquer parte da carga. Em quanto se effectua o desembarque faz-se no caes entre o navio e o armazem, onde aquellas se guar-

[1] Nome inglez do barco movido por vapor. Os italianos designam esta casta de embarcações por uma só palavra, composta de dois vocabulos gregos — *pyroscapho.*

dam, uma praça vazia onde não é admittida pessoa estranha. Homens de confiança são os unicos empregados nesta rapida conducção do oiro e prata, e este transporte é feito sempre sob a vigilancia dos agentes da policia e dos officiaes de bordo. Os caixotes de oiro em pó, e as barras de prata collocam-se ordenadamente no pavimento do armazem, que algumas vezes está litteralmente coberto de volumes contendo joias e metaes preciosos. O valor das caixas de oiro em pó varia de mil a trinta mil dollars ou pezos-duros.

Os dividendos mexicanos, objecto mui importante na bolsa do commercio, fazem parte das remessas de especies; e os caixotes que os contêm são marcados com as lettras iniciaes *MD* inscriptas na tampa e juntas em fórma de dithongo.

Quando a totalidade das especies veio já para terra, fecham-se as portas do armazem; e os empregados da alfandega, os officiaes de bordo e os agentes da companhia das Indias Occidentaes, occupam-se conjunctamente na verificação do manifesto da carga. Finda esta operação, o oiro e prata são mettidos nas carroagens do caminho de ferro, que chegam até á porta do armazem, e os transmittem, com boa escolta, ao Banco de Inglaterra.

A cochonilha vem da America centralmettida em couros não curtidos, a que se dá o nome de surrões, pezando cada um delles quintal e meio. O empregado da alfandega fura o couro com um instrumento de aço para certificar-se de que não encerra contrabando; a cochonilha apparece em pequenos bocados de fórma irregular, de côr purpurea, e do tamanho de metade de um bago de ervilha. De nenhum modo mostra ser substancia animal; e comtudo é o corpo de um pequenino insecto despojado da cabeça e pés por meio de fricção. Esfregando-se com um bocado de cochonilha uma superficie humida, obtem-se côr avermelhada. A cochonilha, por meio de preparação artificial, fórma a base do carmim e das lustrosas tintas carmezins e escarlates que se empregam nas fabricas de estofos. Póde fazer-se alguma idéa da immensa quantidade destes insectos que produz a America central, comparando-se a sua exiguidade com o pezo de cada surrão, e com os milhares de surrões que vem só ao porto de Southampton.

E' por este mesmo porto que as Antilhas nos enviam suas deliciosas geleias e conservas de goiabas, de gingibre, de limões, de tamarindos. Os paquetes das Indias-Occidentaes tambem trazem, principalmente das ilhas de Bahamá, tartarugas vivas de que se faz sopa para os nossos gastronomos: são ellas enormes em tamanho, e para as conservar vivas, os marinheiros no acto da baldeação e limpeza do convez lhes humedecem os olhos e a bocca com as vassouras: de tempo a tempo enche-se de agua um bote em cima da coberta e se mettem dentro as tartarugas a refrescar, que então com suas evoluções e folgança divertem os passageiros.

É mui curioso vêr a bordo de um paquete chegado das Antilhas á caldeira de Southampton, quarenta ou cincoenta tartarugas colossaes, vivas, deitadas de costas e enfileiradas sobre o convez; esta postura grotesca e o estado de impossibilidade em que se acham provocam ao primeiro aspecto riso involuntario; porém, os movimentos musculares de seus pescoços, que se estendem como em busca de humidade, e o modo supplicante dos pobres animaes, bastariam para commover a ferocidade gastronomica de alguns ricaços. A seda em bruto, trazida pelo paquete de Alexandria, vem da China. Para facilitar o transporte atravez do deserto do Egypto é emballada em pequenos pacotes, do pezo de um quintal, que são cobertos com esteiras tecidas de rotim. Só n'uma carregação vieram mais de 600 pacotes de seda representando o valor de quasi cem mil libras esterlinas.

Os challes que trazem estes vapores são procedentes de Cachemira e de outras partes da India; e são os mais preciosos que se manufacturam no mundo. Acham-se n'uma só carga centos de chales; e muitos bordados de oiro e prata valem de 200 a 300 libras cada peça. Importam-se em caixas de madeira de camphoreira, forradas de folha de ferro, e guarnecidas no interior abundantemente de pimenta e outras especiarias para impedir que façam estrago os insectos durante a viagem.

Os chales de crepe procedem da China; são ricamente ornados de bordados á agulha, que só pódem fazer-se n'um paiz onde é tão barata a mão de obra e o povo dotado de tanta paciencia como engenho. Estes chales vem em cartões mettidos em caixas mais solidas.

(Concluir-se-ha).

CATALOGO DOS PRODUCTOS PORTUGUEZES NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL EM LONDRES.

(Continuado de pag. 126).

570 MADEIRA DE CARVALHO. — Expositora, Inspecção Geral das Obras Publicas.
Minho.
571 MADEIRA DE CEREJEIRA.
Minho.
572 PLATANO.
Minho.
573 MADEIRA D'ALCACUZ BRANCO.
De Santarem.
574 MADEIRA D'OLIVEIRA.
De Santarem.
575 MADEIRA DE NOGUEIRA.
De Santarem.
576 MADEIRA DE LARANJEIRA.
De Santarem.
577 MADEIRA DE BUXO.
De Santarem.
578 MADEIRA DE AZAROLA. — Expositor, Marquez de Loulé.

Das suas propriedades em Villa de Rei, junto a Setubal.

579 MADEIRA D'ALFARROBA. — Expositor, Marquez de Loulé,

Algarve.

580 MADEIRA DE MEDRONHEIRO. — Expositor, Alexandre Pinto da Fonseca Vaz.

De Santarem.

581 MADEIRA DE ZAMBUJEIRO. — Expositor, Pinto Bastos.

Lisboa.

582 MADEIRA DE PINHO COMMUM. — Expositor, Arsenal Real da Marinha.

Das mattas nacionaes de Leiria.

583 MADEIRA DE PINHO CERNEIRO — Expositor, Arsenal Real da Marinha.

Das mattas nacionaes de Leiria.

584 MADEIRA DE PINHO MANÇO. — Expositor, Arsenal Real da Marinha.

Das mattas de Caparica, perto de Lisboa.

585 MADEIRA DE CARVALHO. — Expositor, Arsenal Real da Marinha.

Das mattas de Alcobaça.

586 MADEIRA DE SOBREIRO. — Expositor, Arsenal Real da Marinha.

Alemtejo.

587 MADEIRA DE FREIXO. — Expositor, Arsenal Real da Marinha.

Alemtejo.

588 PILILAN OU MOGNO DE BISSÁU. — Expositor, Arsenal Real da Marinha.

Bissáu, possessão portugueza em Africa.

589 PÁU DA COSTA. — Expositor, Arsenal Real da Marinha.

De Bissáu.

590 PÁU DE TACULA. — Expositor, Arsenal Real da Marinha.

De Angola.

591 PÁU DE TECA. — Expositor, Arsenal Real da Marinha.

De Gôa.

592 PÁU DE SICÓ. — Expositor, Arsenal Real da Marinha.

De Gôa.

As madeiras cuja expositura é a Inspecção Geral das Obras Publicas (de 553 a 570) foram cortadas no anno de 1834 com o fim de se determinar a sua resistencia, para construcção de edificios. As expostas pelo Arsenal Real da Marinha, (de n.° 582 a 592) são empregadas de construcções navaes. De todas as madeiras tanto do continente, como das possessões, ha grande abundancia, entretanto ha certas arvores que se dão em preferencia nas provincias do Norte de Portugal, como são o castanheiro, o chopo, o carvalho. No Alemtejo dão-se de preferencia, o sobro, asinho, oliveira: o pinho melhor, é das mattas nacionaes da Marinha, proximo a Leiria, cuja superficie é de 10 legoas.

593 MEL. — Expositor, J. B. de Mattos.

Santarem.

594 MEL. — Expositor, J. B. de Mattos.

Santarem.

595 MEL.

Castello Branco.

596 MEL. — Expositor Marquez de Ficalho.

Serpa.

597 MEL.

Bragança.

598 MEL.

Evora.

599 CAPSULAS DE OLEO DE FIGADOS DE BACALHAU. — Expositor e fabricante, P. F. Norberto.

Pharmaceutico em Lisboa.

600 LÃ DE MERINOS BRANCA. — Expositor, Valencio Gomes Corrêa.

Covilhã.

601 LÃ PRETA. — Expositor, Marquez de Ficalho.

Serpa.

602 LÃ PRETA.

Bragança.

603 LÃ BRANCA. — Expositor, Marquez de Ficalho.

Serpa.

604 SEDA AMARELLA N.° 1.

605 SEDA AMARELLA N.° 2.

606 SEDA AMARELLA N.° 3.

607 SEDA AMARELLA N.° 4.

608 SEDA AMARELLA N.° 5.

609 SEDA AMARELLA N.° 6.

610 SEDA BRANCA N.° 7.

Estas 7 amostras de seda de 604 a 610, são expostas pelo Duque de Palmella, e provém de creação deste artigo, na sua quinta de Calhariz junto a Setubal, dirigida pelo agricultor italiano, Gagliane, vide n.° 530.

611 SEDA AMARELLA

612 SEDA AMARELLA.

613 SEDA AMARELLA.

614 SEDA AMARELLA.

615 SEDA AMARELLA.

Estas 5 amostras de 611 a 615, são expostas por José Cardoso da Silva Garcia, de Bem Viver, na na Vargea do Doiro.

616 SEDA AMARELLA.

Bragança.

617 CERA BRANCA. — Expositor, Manuel Lucas de Carvalho.

618 CERA BRANCA.

Castello Branco.

619 CERA AMARELLA. — Expositor e productor, Marquez de Ficalho.

Serpa.

620 CERA BRANCA. — Expositor e productor, Ferreira Brettes.

Torres Novas.

621 CERA BRANCA. — Expositor e productor, Marquez de Ficalho.

Serpa.

622 CERA AMARELLA. — Expositor e productor, Manuel Ferreira Brettes.

Torres Novas.

623 CERA AMARELLA.

624 CERA AMARELLA. — Expositor, Manuel Lucas de Carvalho.

Lisboa.

625 GELATINA EM LAMINAS. — Expositor e productor, Norberto.

Pharmaceutico em Lisboa.

626 GELATINA EM FILAMENTOS. — Expositor e productor, Norberto.

Pharmaceutico em Lisboa.

627 GRUDE. — Expositor, Joaquim Lopes Tavares da Fonseca.
Santarem.
628 GRUDE. — Expositor, Joaquim Cesario Peixoto.
Lisboa.
629 CARVÃO ANIMAL, GROSSO. — Expositor, José Ferreira Pinto Bastos.
Lisboa, fabrica pertencente ao expositor.
630 CARVÃO ANIMAL, FINO. — Expositor, José Ferreira Pinto Bastos.
Lisboa, fabrica pertencente ao expositor.
631 BALANÇA DECIMAL. — Expositor, José Ferreira Pinto Bastos.
Lisboa. Construida por um artista portuguez dos estabelecimentos do expositor.
632 INSTRUMENTOS PROPRIOS PARA AGRICULTURA. — Expositor, Antonio Policarpo.
Lisboa.
É obra do expositor, que tem um estabelecimento de cutelaria em Lisboa.
633 ESTOJO DE INSTRUMENTOS CIRURGICOS. — Expositor, Antonio Policarpo.
Lisboa.
Fabrica, vide n.º 632.
634 UM JOGO DE TEZOIRAS. — Expositor, Manuel José da Silva Cerqueira.
Villa de Guimarães, districto de Braga, Minho.
É obra do expositor feita á mão. É este um ramo de industria, que ha nesta villa em grande escala, e donde se fornece uma parte do reino.
635 BACAMARTE PORTATIL. — Expositor, o Arsenal do Exercito.
Lisboa.
Este bacamarte, não é obra de hoje, entre tanto, querendo-se, pode fazer-se outro identico no estabelecimento.
Póde funcionar como clavina e como pistola. A coronha é de tirar.
636 ESPINGARDA Á ROMANA. — Expositor, Arsenal Militar do Exercito.
637 EXPINGARDA. — Expositor, Arsenal Militar do Exercito.
Tem dois tubos lateraes no cano da arma, destinados, um a receber a polvora, outro as balas para 30 tiros, fazendo-se girar o systema em volta de um eixo, depositam os tubos lateraes a carga no cano, assim como a escorva e bala: é invenção do padre Zozimo e foi feita no Arsenal, por operarios portuguezes.
638 ESPINGARDA DE FEIXOS DE FULMINANTES. — Expositor, Arsenal Militar do Exercito.
Tem um deposito para receber a polvora, e fulminante.
Escorva-se fazendo-o girar.
Feita no Arsenal, pelo artista José de Freitas.
639 ESPINGARDA DE FEIXOS COBERTOS E CANO RAXADO. — Expositor, Arsenal Militar do Exercito.
Escorva-se com a mesma carga que se deita no cano. Foi feita por operarios do Arsenal.
640 MODELO RIFLE. — Expositor, Arsenal Militar do Exercito.
Tem o machinismo dos feixos para poderem funcionar de percussão ou de pedreneira, feito no Arsenal, por Joaquim José dos Santos.
641 GUARDA FEIXOS PARA PEÇAS DE ARTILHERIA A PAIXHAN. — Expositor, Domingos José d'Azevedo Bobone.
Lisboa.
Este guarda-feixo é feito de sola de uma só peça.
O expositor é o proprio fabricante; elle é operario do Arsenal da Marinha.
642 GUARDA-FEIXOS PARA AS PEÇAS ORDINARIAS. — Expositor, Domingos José d'Azevedo Bobone.
Lisboa.
Fabricante, vide n.º 641.

(Continúa.)

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo X.

LUZ E SOMBRA!

Apenas a abbadeça e o jesuita desappareceram, o mancebo adiantou-se e recuou; quiz fallar e faltaram-lhe as palavras; o sangue fugiu-lhe para o coração; a alma esmorecia nos olhos, e a voz gemia nos labios em murmurios ternos. No auge da commoção ajoelhou-se em silencio e cubriu de beijos os dedos rosados, que o levantaram brandamente, tremendo de prazer entre os seus, que se íam fazendo mais ousados em os apertar.

Elle adorava-a com a vista, em que a paixão era eloquente com meiguice. A donzella, no sobresalto do amante, gosava o seu triumpho. Sentindo-se arrebatar em radiosa agitação, pelas suas contava as pulsações do coração, que batia alvoroçado como o della, ambos abrazados na chamma, que arde tanto, se é viva e vem de dentro.

O seu nome, que na bocca do mancebo era apenas estremecido por um suspiro, chegava-lhe aos ouvidos, como suave exhalação, em uma nota divina desse cantico, que o coração em jubilo só entoa pelo amor. Inclinada e timida, Cecilia não sabia de palavras, que exprimissem o seu enlêvo. Ao pé de si tinha o amante; roçavam pelos delle os seus cabellos; aquelles olhos reviam a sua imagem; aquelle espirito não via outra luz. . . . A donzella desfallecida de ternura; com as mãos a conter o seio palpitante; com o doce nome nos labios, cedeu ao tremor electrico da paixão, e deixou fugir a alma atraz das illusões.

Espirando angelica doçura, a sua vista apagava-se a medo na sombra das assedadas pestanas; e em deliquio pensativo, ora fugia de si mesma entre o veu das palpebras descahidas; ora acesa de repente, illuminava-se raiando cheia de brilho e de poder. Os beiços abriam-se, como o botão abre a flor; e perfumados da fragancia da innocencia, entre sorrisos voavam a colher os suspiros do mancebo. Nas faces a côr a avivar e a sumir-se; na vista os desejos castos a esconder-se e a apparecer; na bocca o amor brincando no meio de rosas e rubins. . . . Que fascinante enlevo!

Aquelles curtos momentos viram em rapto sublime o coração de um fundir-se no coração do outro; a vista embeber-se na vista; e unidos em espirito serem a mesma alma, o mesmo fogo, uma só paixão.

Era admiravel a expressão que dava ao rosto o enlace de duas almas extremosas, felizes de quanta ventura se póde gozar no mundo. Com a mão pendente e a cabeça inclinada sobre o collo, Cecilia como que dizia: — não falles! — Deslumbrado e vacillando, o mancebo, com os olhos expirantes, respondia: — adoro-te! — Pelos beiços de ambos passava o ligeiro fremito, que é a melodia do affecto, quando trasborda e vem perder-se na palavra humana, incapaz de o traduzir.

Nos olhos de Cecilia raiou a esperança que brilha uma vez na vida. As pupillas humidas, e as palpebras languidas, a uma e uma deixavam fugir as lagrimas, que são tão doces e amargosas, se a alegria as faz correr, e a saudade as recolhe depois como perolas abertas ao calor da paixão, e enroladas pelas faces da belleza.

Quanto tempo estariam assim callados e conversando, nem elles souberam, nem póde dizer-se. Na vida ideal não se contam as horas. Somente, serenado o primeiro impulso, acharam-se outra vez na terra, e deram o ultimo adeus ao ceu.

A donzella delicada, já pallida, já corada, tremia da commoção que a arrebatava. O corpo, se recuava um momento, era para flexivel e gracioso se debruçar logo para o mancebo. A mão frouxa, descahia nas mãos erguidas para a suster. Esquecida e carinhosa aquella mão, thesouro de amor, deixou-se prender entre os dedos convulsos do amante, e estremecendo com o fogo dos beijos, não fugiu. . . . . A seducção dos olhos e o extasis da alma, espiritualisando o semblante, davam ao silencio da ternura, á quasi immobilidade cheia de delicias, uma expressão adoravel, que faria em vista della pallidas e frias as caricias mais ardentes.

A bocca do mancebo, assustada primeiro, e arrebatada depois, cobria de beijos a mão de Cecilia; e mais audaz por fim, quiz atrever-se a subir das mãos ao rosto. Bastou um aceno para a suspender. Ao mesmo tempo a voz da educanda, suave e repassada da attracção irresistivel, que é o maior poder da mulher, aquella voz infantil na frescura, maviosa na doçura, e tão persuasiva como a paixão, veio pôr termo a uma scena, em que ambos gosavam e padeciam muito. No meio de um sorriso, cuja ironia doce toda era amor, a linda menina affastou de leve o amante, com um gesto delicado, e inclinando a cabeça suavemente para elle, exclamou com certa languidez na falla:

— « Ás santas nunca se beijou senão a mão. A bocca é para pedir a Deus pelos peccadores. »

— « Olha — exclamou elle erguendo as mãos e cahindo em adoração — A alegria enlouquece! . . . . Estou ao pé de ti, vejo-te, e não o posso crer ainda. Se soubesses com que saudade esperei este dia, e o receio que tive de que elle não chegasse! . . . Cecilia, a felicidade imagina-se, deseja-se, mas assim de repente, é como a dôr, custa a supportar. Dize-me que não é sonho! Pelo meu amor te peço; compadece-te de mim; sou indigno de te vêr: bem sei, mas perdoa-me; não te offendas; não, ouve-me! Salva-me! »

— « Com tão pouca fé achas que será possivel? — acudiu ella, risonha. — Ingrato! Hei de pegar-te na mão e pol-a sobre o coração, para sentires que não bate menos do que o teu! Em que esperas, se os olhos estão a vêr, e tu não acreditas? »

— « No teu amor! »

— « É milagre! E não receias. . . . »

— « O receio é só de te perder. . . . Creio em ti. . . . Como em mim. »

— « Como em ti? Será bastante? » — atalhou ella, maliciosa, na duvida que fingia.

— « Não! Creio como em Deus. »

— « É demais! Mas se amas sem fé. . . »

— « Sem ella eu não podia viver!

— « Morre-se por tão pouco? » — perguntou Cecilia entre seria e jovial.

— « Morre, se o incredulo perdeu a esperança toda. » — insinuou o mancebo; e lendo nos seus olhos a ternura, acrescentou: — « E elle poderá salvar-se? »

— « Talvez! . . . dize-lhe que ame e creia sempre. »

— « E promettem ouvil-o? » — acudiu com fogo.

— « Estariam ao pé delle se o não ouvissem? »

A pausa, que interrompeu o dialogo, nascia da anciedade. Este gracejo, no estilo melindroso dos amores vulgares, era muito falso para corresponder ao profundo affecto, que os dominava; e ambos conheciam que deviam aproveitar a occasião. Entretanto, nenhum tinha animo de soltar a primeira phrase, tão custosa de expellir do coração, se vem delle, e não da bocca, os juramentos, que a consagram.

Cecilia, observando que o mancebo luctava comsigo, e não se atrevia a fallar, poz os olhos no chão, e com o rosto affogueado, ousou ser a primeira a declarar os sentimentos da sua alma. Na altiva innocencia, tão segura que nada receia, e adorando com a devoção exaltada do amor virgem, a educanda pegou na mão do amante e exclamou depois em voz tremula:

— « Callas-te? Queres que eu, mais timida, antes de te ouvir, diga que amo? Acredita, se não o sentisse não te illudia. Sou alegre, sou até creança, como elles dizem, mas o coração se uma vez prometteu nunca mais se esquece. A occasião em que te vi, os momentos em que fallámos, os juramentos que escrevemos, estão firmes; foram feitos diante de Deus, e gravei-os com o sangue da minha alma! A ventura, ou a desgraça, que posso esperar, entrego-as nas tuas mãos. . . . O mundo, se me escutasse, accusava-me: é mal feito, bem sei: uma donzella, que se estima, não diz de repente a um homem o que eu estou aqui dizendo. Mas sabes! O recato é da alma; e para me guardar, é de mais o meu amor e a tua honra. Confio em ti!? Se abusasses, vês! despresava-te, e quando se despresa. . . . o amor cahiu e não tem virtude; tu e eu somos incapazes de lhe dar-mos essa morte, não é assim! »

Elle corou e estremeceu ouvindo esta confissão ingenua. Em quanto Cecilia fallava, contemplou-a perdido no enlevo, que é a declaração mais lisonjeira. Depois, ás ultimas phrases, em que o rosto da sua amante era uma rosa no carmim e os olhos affectuosos lhe penetravam o coração, tornou a ajoelhar e com respeitosa ternura exclamou:

— « Fia-te na minha honra! Se a bocca t'o não sabe dizer, pergunta ao coração, que lê no meu, e elle. . . »

— « Responderá por ti? » — acudiu a educanda sorrindo com malicia — « Mas o que lhe hei de eu perguntar, se elle é mudo, se não falla? Sabes o que jurava, sem o meu espelho? Que tão feia nasci, Deus me não castigue! que até a lisonja se não atreve a enganar-me. »

— « Porque és bella de mais, porque ha nos teus olhos a pureza de um anjo, é que os peccadores não ousam levantar a vista. »

— « Enganam-se! Sou mulher e depressa desço do altar. . . » — atalhou Cecilia, obrigando o mancebo a erguer o joelho do chão. — « Vamos! — proseguiu impaciente — disseste-me que vinhas, e. . . »

— « E vim jurar-te que és a luz da minha vida, e não digo ametade do que sinto! Tens razão; sou um incredulo, um pusillanime! Estremeço-te, e callo-mo e perturbo-me, quando o coração está a estalar no peito, e a alma não póde já com a felicidade. . . Cecilia, hoje sei: o amor é só uma vez na vida. Se advinhasses com que saudade te fallo na ausencia; a magua com te chamo; e o jubilo que me alvoroça se ouço o teu nome, o teu doce nome . .. E agora, vês! tremo como uma creança; affoga-se-me o coração; e não posso, não sei senão deitar-me aos teus pés repetindo até que me acredites: — amo-te, adoro-te, e é a primeira vez que amo! Cecilia, juro pela nossa esperança, ainda mulher nenhuma foi mais querida do que tu. Eu que não devo inclinar a cabeça senão a Deus, que não ajoelho senão a Christo, olha estou prostrado, e deixo correr as lagrimas sobre as tuas mãos. . . Dize, anjo do meu amor, estes olhos chorosos, este coração tremente, não o attestam mais do que juramentos e promessas? »

— « Neste instante; agora! Attende-me, João. Tenho medo de tanta felicidade. Sempre me disseram que muita ventura de repente era indicio de desgraça. Sou fraca, sou mulher, e tremo que o amor que é a minha luz se apague, não sei porque mãos, nem de que modo. Tenho medo! . . E é tão forte que me tira a alegria, e as vezes o coração fica negro de tristeza. »

— « Que loucura! — acudiu elle, pegando-lhe na mão. — Não tenhas receio senão da morte: porque só morto deixarei de amar-te. »

— « E o tempo, João? Nunca ouviste, que assim como nas flores a fragrancia dura pouco, o amor dos homens é curto e facil de murchar? . . O mundo, as armas, outras paixões consolam-n'os depressa; mas nós, coitadas, não temos senão memorias e saudades. . . Desculpa!

Não jures, não digas nada! Para quê? bem sei: estes instantes, o dia de hoje, o de amanha, são meus ainda, mas depois?... é o meu receio, o meu presentimento. Rainha, dava-te uma coroa; simples donzella, não tendo fidalguia nem thesouros, dei-te quanto possuia de precioso: a alma, o coração, toda a ventura que posso... viver... comtigo... não tinha senão isto; entreguei-to!... Que mais queres que sacrifique?»

—«Cecilia! E reinar sobre esse coração, é pequena gloria? Porque choras? Duvidas de mim?»

—«Não. Creio de mais: é o meu temor. Julgas que vivia se me tu faltasses? O dia em que vir morta nos teus olhos a minha esperança, a hora em que o coração, procurando o teu, o não achar, acredita-me, João, é o dia e a hora em que morreu a tua Cecilia.»

—«Seja elle tambem o ultimo da minha vida! Não, anjo da minha alma, socega. Em quanto respirar não existo senão para ti... Esses bellos olhos estão tristes e chorosos? Quero-os firmes no imperio que lhes dei... lagrimas, e estamos juntos!... O que farás então na ausencia? Vamos; uma bocca, que o amor formou em um sorriso, hei de vel-a seria e pensativa?... Cecilia, Cecilia, não vês que a minha alma suspira nos teus labios, e que o meu coração geme com o teu silencio?»

Ella ouvia-o com jubilo. Alva e tremente a mão sem fugir deixava-se deter pela do mancebo, nos olhos do qual ardiam mil caricias. A vista, cheia de ternura, quebrava os raios languidos em doces lagrimas, que aveludando-lhe o brilho, a faziam extasiar electrica e fascinante. A cabeça descahia frouxa e negligente sobre o collo, como se inclina ao sol a flor consumida...

De repente, escutando as ultimas palavras do mancebo, tremeu-lhe nos beiços um suspiro; a vista fuzilou; e um sorriso indefinivel encheu de espirituosa animação o rosto, em que as cores da esperança renasciam ditosas. Neste momento esqueceu tudo. Um dos braços, em collar delicioso, cingia o corpo do amante, apertando-lhe o coração contra o seu, que não palpitava menos apressado; e com a face unida á delle, e os olhos perdidos nos seus olhos, inclinou-se tanto, que o halito suspirava sobre a respiração ardente do mancebo. Depois cheia de pejo, escarlate de pudor, fugiu, hesitou, e voltando em um impeto irresistivel, pousou-lhe a bocca ligeiramente na fronte.

O fogo, a flor de um beijo, passou de leve e foi estremecer a alma do amante, que voou aos labios a absorver o perfume, e gozar a doçura. O que ambos sentiram, a pureza deste osculo em que desmaia o amor virgem, só póde aprecial-o quem nas ancias deste martyrio tão cruel e tão suave, aprendeu a conheeer quanto elle doe, e se deseja.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

Ha tempos que existia em nosso poder, com permissão especial para ser publicada opportunamente, a lista das obras primorosas de pintura de que é possuidora a exm.ª casa de Palmella. Julgamos que nenhuma occasião era mais opportuna do que a presente, precedendo poucos dias á exposição philantropica na Casa do Risco do Arsenal da Marinha em beneficio das Casas de Asilo da Infancia Desvalida; por quanto, entre as bellezas e obras primas que hão de illustrar essa Exposição, avultam os principaes daquelles quadros. Seja este mais um dos muitos incentivos para a concorrencia dos visitantes, que terão que admirar no vasto ambito da Sala do Risco muitas riquezas nacionaes.

CATALOGO

Dos quadros antigos e modernos, que formam parte da Galeria do exm.º Duque de Palmella, em Lisboa.

N.º 1.º 1 — Quadro que representa a Sagrada Familia — Desenho original de Raphael; mas o colorido tambem pertence a Julio Romano: áquelle pertence a cabeça da Senhora, o rosto ao segundo pintor: tem 7 palmos e 3 oitavos de altura, e 5 palmos e meio de largo.

» 2.º 1 — Quadro que representa o encontro de Santa Isabel — original de Giorgione: tem 7 palmos e 3 oitavos de alto, e 6 palmos e 5 oitavos de largo.

» 3.º 6 — Quadros que representam a vida de Nossa Senhora—originaes de Christovão de Utrecht, tem cada um 6 palmos e meio de alto, e 3 palmos de largo,

» 4.º 1 — Quadro que representa S. Miguel Archanjo de corpo inteiro sobre uma serpente de seis cabeças, e contendo nas balanças duas freiras da ordem de S. Bernardo — original de Christovão de Utrecht: tem 9

palmos e 2 oitavos de alto, e 7 oitavos de largo.

» 5.° 1 — Quadro que representa S. Jeronymo no deserto — original da escola de Julio Romano: tem 6 palmos e 7 oitavos de largo.

» 6.° 1 — Quadro que representa N. Senhora com o menino no collo, tem 2 terços do natural — original de Beccafurni: tem 2 palmos de alto, e 1 palmo e 3 oitavos de largo.

» 7.° 1 — Quadro de N. Senhor Crucificado — original da maneira fina de Wandich: tem 1 palmo e 7 oitavos de alto, e 7 oitavos de largura.

» 8.° 1 — Quadro que representa Ecce Homo, em meia figura — original de Luino, Discipulo de Leonardo da Vinci; tem 3 palmos e 3 oitavos de alto, e 2 palmos e 3 oitavos de largo.

» 9.° 1 — Quadro que representa Santa Rosa de Viterbo abraçando o Senhor Crucificado — original do Balestra, imitador de Murillo: tem 4 palmos e meio oitavo de alto, e 3 palmos e 2 oitavos de largo.

» 10.° 1 — Quadro que representa a Annunciação de N. Senhora — original da escola de Murillo: tem 4 palmos e 6 oitavos de alto, e 5 palmos e 6 oitavos de largo,

» 11.ª 1 — Quadro que representa a Samaritana proxima do poço — original do cavalheiro Conrado: tem 7 palmos e 2 oitavos de alto, e 5 palmos e 1 oitavo de largo.

» 12.° 1 — Quadro que representa uma paizagem com uma presa de agua — original da escola de Poussin: tem 4 palmos e 2 oitavos de alto, e 5 palmos e 7 oitavos de largo.

» 13.° 1 — Quadro que representa uma cidade vista de longe no reino de Napoles — original no estilo de Salvador Rosa: tem 4 palmos e 2 oitavos de alto, e 6 palmos de largo.

» 14.° 1 — Quadro que representa N. Senhor Crucificado em 3 terços do natural — é copia de Vieira Lusitano: tem 7 palmos e 2 oitavos de alto e 5 palmos de largo.

» 15.° 2 — Quadros que representam parte dos Estados Romanos, vistos de longe — original de Vieira Portuense imitando a Poussin, ou Zuccarelli: tem cada um 3 palmos e 3 oitavos de alto, e 4 palmos e meio de largo.

» 16.° 10 — Quadros que representam os Lusiadas de Camões — esboços originaes de Vieira Portuense: tem 2 palmos e 2 oitavos de alto, e 1 palmo e 6 oitavos de largo.

» 17.° 1 — Quadro que representa Luiz de Camões na Ilha dos Amores — esboço original de Vieira Portuense: tem 1 palmo e 6 oitavos de alto, e 2 palmos e 2 oitavos de largo.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Universidades de Hispanha. — No visinho reino contam-se dez universidades, que tem sede nestas cidades: Madrid, Barcelona, Sevilha, Valencia, Granada, Santiago. Salamanca, Valhadolid, Saragoça, e Oviedo. Em todas ellas se estuda philosophia, estudos preparatorios, e jurisprudencia. A theologia ensina-se em os seminarios conciliares dependentes de outras universidades, e além destes nas de Madrid, Valhadolid, Saragoça, Sevilha e Oviedo: a medicina nas sete primeiras.

O total dos alumnos que cursaram em 1851 as universidades, institutos de ensino secundario, collegios e seminarios, monta a 21:094 — 4:516 alumnos em Madrid, 2:907 em Barcelona, 2:505 em Valhadolid, 2:453 em Sevilha, 2:275 em Valencia, 1:711 em Granada, 1:451 em Saragoça, 1:419 em Santiago, 1:014 em Salamanca, e 813 em Oviedo.

Ha escholas e estudos especiaes de engenheiros de estradas e canaes, de minas, de mattas, de marinha, de veterinaria, de tabellionado, eschola normal, dita de desenho, dita de musica e declamação, e por fim de taxidermia e de sangradores ou enfermeiros.

Movimento commercial na Belgica. — Os resultados geraes nestes ultimos annos são os seguintes.

1.° Que o movimento geral do commercio, comprehendendo o valor do de importação e exportação, ascendeu em 1850 a 912 milhões de francos, e que augmentou 50 por cento, termo medio dos dez annos decorridos desde 1840 até 1849.

2.° Que a exportação dos productos belgas tem ido em crescimento progressivo, excepto em 1848; que em 1850 excedeu 51 por cento, resultando por termo medio dos dez annos sobreditos ter-se elevado a 88 por cento.

3.° Que esta exportação, que anteriormente havia sido inferior á importação, chegou a 27 milhões de francos em 1850. — O commercio annual da Belgica equivale por tanto a 40 por cento do commercio da França que em 1849 foi de dois milhares e tresentos milhões de francos.

Casa de feltro. — Um habitante de Batignolles-Monceaux, M. Josse, acaba de inventar um extravagante systema de construcção. Fez uma casa completamente impermeavel, sem um pedaço de pedra, sem um punhado de argamaça ou de cal, e unicamente fabricada de madeira e feltro de chapeus velhos. E não se julgue que isto é uma noticia chimerica, um *canard* ou patranha: a casa de que fallamos é situada em Batignolles ao pé do theatro. Vinte e tres mil chapeus velhos se empregaram na construcção. Tem nove metros de comprido, quatro

de largo, e oito de altura, com a vantagem de ser amovivel quando se queira transportal-a: póde alojar uma familia de operarios. Remove-se para outro logar por meio de um carro rasteiro de quatro rodas, especie de grande zorra sobre que está assentada; nem obsta a isso o seu pêzo, que não chega bem a quatro mil kilogrammas.

Superstição e ignorancia. — Como ha certos saltibancos estrangeiros, com quem fazem côro muitos parvos de cá, que saltando nas praias do Tejo começam logo a chamar-nos o povo mais ignorante e supersticioso da Europa, não perderemos occasião de lhes contar factos como o seguinte:

A *Presse* de 5 do corrente mez, copía do *Droit* esta aventura de Mr. Robert Houdin. Possuindo este individuo em Saint-Gervais nas visinhanças de Blois uma bonita fazenda, foi alli passar este verão; e ahi punha em pratica muitas experiencias de physica recreativa, estudo de sua predilecção, cujos resultados causavam grande pasmo á gente da terra: e ainda que Mr. Houdin se mostrasse affavel e fosse bemfazejo para com essa gente, nem por isso deixava de ter fama de mais familiaridade com o diabo do que com Deus. Mas apesar disso não deixavam os camponezes de assistir ás distracções que lhes proporcionava a curiosidade daquelle proprietario.

Ha pouco tempo Roberto Houdin por occasião do baptismo de um filho seu deu uma funcção aos habitantes de Saint-Gervais: illuminou o seu parque de uma ponta a outra por meio da luz electrica, e dispoz effeitos magicos tão maravilhosos, que os paisanos, cedendo á admiração, não deixavam de possuir-se de certo terror: por mais que se lhes explicasse que tudo era natural, embirravam em crer que era sortilegio. Nestas disposições de espirito estavam quando ultimamente Mr. Houdin resolveu mandar arrazar um rochedo que havia no meio do parque; empregaram-se os meios ordinarios de mina, e aconteceu sahir ferido um operario no acto de deitar fogo a um rastilho. O proprietario declarou que conhecia um meio menos perigoso de produzir a explosão; empregou simplesmente um fio electrico; e os rusticos que não viam fogo, mais se persuadiram que nisso entrava arte diabolica.

Por esta occasião a apparição subita de muitos casos de cholera morbo disseminou inquietação e terror nos animos em Saint-Gervais. — « É o feiticeiro que nos traz este mal » — disseram os ignorantes supersticiosos e o boato girou de boca em boca. O *Maire*, (magistrado civil) de Saint-Gervais, sabedor do que se dizia, fez diligencias por meio da persuasão e bons termos para dissuadir aquella gente: mas elles com absoluta convicção teimavam que o feiticeiro espalhava no ar certo pó que respiravam e lhes causava a molestia; e quando o magistrado redarguia que estava tão sujeito como os mais a essas malignas influencias, replicaram-lhe que elle não se levantava tão cedo, e quando sahia á rua já estava absorvido todo o ar inficionado.

Chegou a fermentação a ponto que o maire assentou de pôr vigias de noite á porta do physico experimental; e felizmente, sendo preciso a Mr. Robert Houdin vir a Paris dissipou-se a explosão hostil que minava lentamente. É de esperar (diz o jornal citado) que ao voltar Mr. Houdin a Saint-Gervais, já estejam aquelles habitantes curados de seus vãos terrores.

Aurora boreal. — Observou-se este phenomeno luminoso na semana finda em 4 do mez corrente, e por essa occasião publicaram os jornaes de Bruxellas a seguinte nota.

« As perturbações da agulha magnetica do observatorio de Bruxellas causaram suspeitas, no dia 2 de outubro pela tarde, da existencia de uma aurora boreal. Com effeito, por espaço de mais de hora e meia se póde gosar do formoso espectaculo que offerece este phenomeno, mui raro em nossa região. Pela volta das nove horas, um segmento circular obscuro cercado de um arco luminoso esbranquiçado occupava todo o horisonte ao norte; dahi a meia hora o arco dilatou-se rapidamente; illuminava o ceu com um clarão brilhante como o da lua ao nascer. De todos estes pontos despediam-se a intervallos para o zenith paveias luminosas verticaes, de 40 graus de alto, primeiro brancas, depois vermelhas, que se moviam ora para o occidente, ora para o nascente, e tingiam ás vezes toda essa parte do ceu de um cambiante vermelho candente, semelhando o clarão de um incendio. Esses fasciculos luminosos cessaram pelas dez horas e um quarto; porém, ás dez e meia ainda se descobria o arco esbranquiçado, que foi mudando de logar a pouco e pouco para a banda do occidente, até se desvanecer em breve tempo completamente.

As perturbações magneticas chegaram á sua maior amplitude ás dez horas e meia, voltando lentamente as agulhas de declinação e de intensidade á sua posição primitiva. Em toda a noite soprou vento sul mui rijo.

A religião no Caucaso. — Os povos mahometanos do Caucaso conservam muitas ceremonias, posto que desfiguradas, do christianismo que parece terem professado em antigos tempos. Alem das festas nacionaes que tem relação com as do Salvador, as da Santa Virgem conservaram-se naquellas regiões em meio do islamismo e até da idolatria. Certas tribus solemnisam no dia 7 de abril a festa da Annunciação que chamam *Naguichatac*, que quer dizer *dadiva das flores frescas*: nesse dia as donzellas vão em ranchos numerosos colher pelos campos flores de que fazem reciprocos presentes. Quando se lhes pergunta donde lhes veio este uso, os velhos respondem que o tomaram de seus antepassados, em memoria de uma flor offerecida pelo anjo á Virgem no dia da Annunciação. Ha outra festa chamada *Tgagrepik*, isto é *filha de Deus ou do Senhor*: nesse dia cada donzella leva um frangão á casa da oração, onde se prepara um banquete para o povo: e todos se cumprimentam mutuamente como os povos christãos pela paschoa e bons annos. Começa então um jejum, em honra da Mãi de Deus, que dura uma semana, e termina por uma grande festa denominada *Tagchoisne*, palavra que significa *Mãi de Deus*, para a qual ha canticos especiaes.